



História Unisinos

E-ISSN: 2236-1782

efleck@unisinos.br

Universidade do Vale do Rio dos Sinos  
Brasil

Zalla, Jocelito

O Rio Grande da Globo: temporalidades regionalistas e edição de livros (1924-1960)

História Unisinos, vol. 19, núm. 3, septiembre-diciembre, 2015, pp. 313-324

Universidade do Vale do Rio dos Sinos

São Leopoldo, Brasil

Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=579866787006>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal

Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

## O Rio Grande da Globo: temporalidades regionalistas e edição de livros (1924-1960)

Rio Grande do Sul as published by Livraria do Globo:  
Regionalist temporalities and publishing (1924-1960)

Jocelito Zalla<sup>1</sup>  
jocelito.zalla@ufrgs.br

---

**Resumo:** Neste artigo, pretendo analisar os nexos entre o projeto editorial da Livraria do Globo, de Porto Alegre, e o regionalismo gaúcho, em três temporalidades: o gauchismo heroico, nos anos 1920; a crítica e o descenso do regional na década de 1930; e a retomada dos temas e assuntos do Sul pela intelectualidade local, sob novos critérios, após o fim do Estado Novo. A edição de livros regionalistas ocupou parcela significativa da vida da casa editora, oscilando de acordo com o interesse do público, a conjuntura política, o desenvolvimento do mercado brasileiro e a relativa autonomização do campo cultural. De um lado, pode-se afirmar que, enquanto movimento literário e, por certo tempo, político, o regionalismo gaúcho dependeu quase que exclusivamente dos investimentos da Globo em edição, o que permitiu os esforços de reconfiguração ideológica e estética da vertente. De outro, sabemos que, em pelo menos dois momentos (segunda metade da década de 1920 e anos 1950), a linha regionalista deu retorno financeiro considerável: primeiro, sustentando, juntamente com a literatura de massa traduzida, a expansão da estrutura editorial da antiga livraria; depois, garantindo numerário seguro em tempos de crise.

**Palavras-chave:** Editora Globo, regionalismo gaúcho, História Cultural.

**Abstract:** In this article I intend to analyze the nexuses between the editorial project of Livraria do Globo, a publishing house of Porto Alegre, and *gaúcho* regionalism in Rio Grande do Sul in three temporalities: the heroic *gauchismo* of the 1920s; the critique and downward path of regionalism in the 1930s; and the return to themes and topics involving the South by local intelligentsia, with new criteria, after the end of the Estado Novo (1937-1945). The publication of regionalist books took up a significant proportion of the life of Livraria do Globo, fluctuating according to the interest of the public, the political situation, the development of the Brazilian market, and the relatively increased autonomy in the cultural field. On the one hand it can be said that, as a literary and for a while political movement, *gaúcho* regionalism depended almost exclusively on Globo's investments in publishing, which enabled efforts to reconfigure this line ideologically and esthetically. On the other, we know that at least at two points in time (in the second half of the 1920s and the 1950s) regionalism gave the business considerable financial returns: first, together with the translated literature published for the masses, it supported the expansion of the editorial structure of the old bookstore, and then it ensured a dependable revenue in times of crisis.

**Keywords:** Editora Globo, *gaúcho* regionalism, History of Culture.

---

<sup>1</sup> Professor do Colégio de Aplicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Doutorando em História Social pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (PPGHIS/UFRJ).

No Rio Grande do Sul, os regionalismos político e literário se encontraram com certa frequência. Não seria difícil mapear as relações entre a produção letrada e a política profissional na região desde, pelo menos, a segunda metade do século XIX, com a publicação dos primeiros romances de temática rural ambientados na província. Ainda assim, foi na década de 1920 que a elite intelectual local assumiu sistematicamente, pela produção erudita, a tarefa de legitimação ideológica dos projetos político-partidários rio-grandenses. Se, nas décadas anteriores, o regionalismo literário chegou a ganhar expressão na pena de escritores como Alcides Maya, membro da Academia Brasileira de Letras, e de um ainda pouco conhecido João Simões Lopes Neto, a manipulação de imagens campeiras e de narrativas de costumes locais não encontrava lugar na ideologia positivista, em sua versão castilhistas, dominante no Partido Republicano Rio-Grandense (PRR). Na virada do século, aliás, o imaginário fronteiriço fornecia símbolos mais facilmente apropriados pela elite pecuarista dissidente, alijada do poder desde a Revolta Federalista (1893-95), como a figura do gaúcho,<sup>2</sup> tipo social mestiço e originalmente andarenço, mas há muito tempo absorvido como trabalhador assalariado nos tradicionais latifúndios de criação extensiva ou na indústria do charque, recrutado pelos caudilhos oposicionistas em combates de guerrilha contra as forças regulares do exército e da Brigada Militar. Ainda que se mostre uma tendência constante na produção literária local, o regionalismo, como perspectiva ficcional e poética, só se tornaria hegemônico após a última contenda intraoligárquica armada no estado, a Revolução de 1923.<sup>3</sup>

Grande parte das obras publicadas nesse momento saía da tipografia da Livraria do Globo, de Porto Alegre, empresa que se consolidaria, a partir de então, no mercado de livros. O presente artigo pretende analisar os nexos entre o regionalismo gaúcho, seus ritmos de difusão e perspectivas dominantes, e os projetos editoriais da Globo, com sua Seção de Obras e Editora, de 1924, quando se verifica um “boom” na produção literária local, até o início da década 1960, quando a oferta de títulos regionalistas diminui drasticamente, assim como a própria estrutura editorial da casa. Nesse longo período, qual foi o papel da Globo na promoção do regionalismo, em suas acepções políticas e literárias, e na divulgação de autores gaúchos no cenário nacional? Que condições ideológicas e quais

critérios de regulação estética davam acesso às edições da casa? Para responder a essas questões, buscarei analisar tendências e linhas editoriais da Globo em contraposição a três temporalidades do regionalismo gaúcho: o gauchismo heroico, nos anos 1920; a crítica e o descenso do regional na década de 1930; e a retomada dos temas e assuntos do Sul pela intelectualidade local, sob novos critérios, após o fim do Estado Novo.

## A fase de ouro do regionalismo gaúcho: política e produção cultural

Em meados da década de 1920, jovens escritores e nomes já conhecidos da literatura regionalista encontraram guarida para seus textos na Seção de Obras e Edição da Livraria do Globo.<sup>4</sup> Roque Callage, por exemplo, jornalista do *Correio do Povo*, saudado por dois livros de temática local publicados na década anterior – *Escombros* (1910) e *Terra gaúcha* (1914) – teve editado pela Globo, em 1920, seu *Terra natal: aspectos e impressões do Rio Grande do Sul*, apesar de sua oposição ao governo Borges de Medeiros, orientação política distinta da adotada pela empresa. Mas é a partir de 1924 que uma sequência de livros do autor, entre prosa de ficção e registro lexicográfico, ganha público pela Seção: *Rincão: cenas da vida gaúcha* (1924),<sup>5</sup> *Vocabulário gaúcho* (1926), *Quero-Quero: cenas crioulas* (1927) e *No fogão gaúcho* (1929). Outro testemunho editorial da ligação entre a vida política e a cena literária local no período também é oferecido por Callage. Seu relato da revolução assistida, *O drama das coxilhas: episódios da revolução rio-grandense, 1923*, foi publicado fora do estado, pela editora de Monteiro Lobato, no ano do conflito. Em condição oposta, seu livro sobre a tomada de poder por Vargas, com apoio da Frente Única Gaúcha (FUG), *Episódios da Revolução: 3 a 24 de outubro de 1930*, seria publicado pela Globo imediatamente após o evento.

A pacificação das elites locais, pós-23, e a tendência de conciliação, materializada na FUG, em 1928, criou um clima propício para novos debates sobre o Rio Grande, com um grau de coerência ideológica até então nunca visto. O primeiro grande surto editorial da Livraria do Globo, portanto, responde às necessidades de acomodação

<sup>2</sup> O termo estava em vias de adoção como adjetivo gentílico do estado, o que encontrava resistência de parcela da elite intelectual da capital até, pelo menos, as vésperas da Revolução de 1930. Sobre o processo de ressignificação e positividade da palavra *gaúcho*, originalmente designativa de homens fora da lei, párias sociais, ver Gomes (2009).

<sup>3</sup> A reeleição de Borges de Medeiros, em 1922, foi o estopim para a revolta armada, que uniu antigos caudilhos federalistas e dissidentes republicanos na oposição, como o líder histórico do PRR Joaquim Francisco de Assis Brasil. Para um apanhado dos elementos políticos, econômicos e sociais em disputa na Primeira República gaúcha, que confluíam no regionalismo político, ver Love (1975).

<sup>4</sup> Fundada em 1883 por Laudelino Barcellos e Saturnino Pinto. Em 1918, José Bertaso, funcionário da empresa desde 1890, se tornou um de seus principais sócios, passando paulatinamente a concentrar as funções administrativas. No mesmo ano foi criada a Seção de Obras e Edição da Livraria, administrada por Mansueto Bernardi até 1930, quando mudou de nome para Seção Editora. Em 1948, viraria Editora Globo, filial da Livraria do Globo S.A. Sacramentando sua autonomia, em 1956 foi transformada em Editora Globo S.A., associada à Livraria.

<sup>5</sup> A primeira edição, de 1921, saiu pela A. Corrêa & Dania, que também publicara, em 1920, seu *Chronicas e contos*.

dos interesses políticos locais e da produção de símbolos comuns aos grupos antes em conflito, mas também revela a existência de um público (mesmo que restrito) disposto a consumir imagens da região,<sup>6</sup> fornecidas pela ficção ou pela memória histórica oficial. Em 1925, temos pelo menos cinco obras regionalistas importantes no cenário rio-grandense, todas editadas pela Globo: *No galpão*, de Darcy Azambuja; *Pampa*, de João Maia; *Tropilha crioula*, de Vargas Neto; *Querência*, de Vieira Pires; e *No pago*, de Clemenciano Barnasque. Entre os novos escritores, Darcy Azambuja, no conto, e Vargas Neto, na poesia, se destacariam, ganhando novas edições, até a retomada sistemática da perspectiva regionalista pela Globo, nos anos 1950, como veremos a seguir. *No galpão*, aliás, ganhou o primeiro prêmio, em seu gênero, no concurso da Academia Brasileira de Letras daquele ano. A boa recepção crítica de Azambuja também parece ter contribuído para novas empreitadas da Livraria nessa seara,<sup>7</sup> ou ao menos ter repercutido nas ambições literárias da nova geração, que logo se dispunha a adequar o regionalismo heroico rio-grandense às exigências estéticas do modernismo no centro do país, ampliando a oferta de títulos à empresa dos Bertaso.<sup>8</sup>

De fato, de 1926 a 1930, somente a Globo publicou pelo menos 16 novos títulos literários, entre poesia e prosa narrativa, com alguma referência a assuntos do Rio Grande (personagens históricos, paisagem e costumes regionais), de um total de 19 livros de escritores gaúchos.<sup>9</sup> A política de edição de autores locais, ainda que perdesse paulatinamente espaço para a tradução de literatura de língua estrangeira, impulsionava a produção rio-grandense em todas as áreas, com claro protagonismo na difusão do regionalismo. Os dados disponíveis para 1928 são reveladores: segundo balanço de Luiz Vergara, a Globo respondeu naquele ano por quase 70% da produção gaúcha, em literatura, história, ciências, livros jurídicos e de administração: 21 de 31 novos títulos. Apenas mais três livros foram editados por outras empresas de Porto Alegre. Os sete títulos restantes vinham a público por editoras do Rio de Janeiro e de São Paulo. Considerando-se apenas os livros de literatura regionalista e ensaios de história do Rio Grande do Sul, foram sete edições pela Globo contra

quatro de editoras de fora do estado. O quase monopólio editorial do regionalismo gaúcho fica ainda mais nítido se somarmos a elas as duas reedições publicadas em 1928.<sup>10</sup> Nos termos de Vergara, o mercado editorial local se encontrava “na dependência quase exclusiva de seus prelos”: “Sem contarmos com uma empresa nas condições da Livraria do Globo, talvez não fosse possível o surto literário que tornou rapidamente conhecidos alguns escritores de maior merecimento da nossa geração” (Vergara, 1929, s.p.).<sup>11</sup> Em literatura, a gama de textos é ampla, ainda que circunscrita pela vertente regionalista tradicional e seu desdobramento modernista, podendo-se citar novos contos gauchescos, na esteira de Azambuja, como os de Telmo Vergara e do velho Roque Callage; a poesia épica de Vargas Neto; e a poesia lírica dos jovens Augusto Meyer e Athos Damasceno, costuradas com cenas da pampa e evocações sentimentais da terra natal. Em história, podemos citar *Julio de Castilhos*, biografia do líder republicano redigida por Othello Rosa, e *Traços eternos do Rio Grande do Sul*, conferência de Fernando Osório sobre a formação do estado, proferida anteriormente no Instituto Histórico e Geográfico local (IHGRS).

Nesse contexto de promoção do regionalismo literário, também vale a pena citar a reedição pela Globo, em 1926, dos dois livros de ficção de Simões Lopes Neto, *Contos gauchescos* (1912) e *Lendas do Sul* (1913), em volume único. Se o clima, como vimos, era favorável à sua publicação pela primeira vez na capital, a redescoberta do escritor pelotense também pode ser creditada a um empreendimento editorial da Globo, a *História literária do Rio Grande do Sul* (1924), de João Pinto da Silva.<sup>12</sup> O primeiro balanço da literatura local tinha pretensão à minúcia, ao registro de todos os nomes de autores rio-grandenses conhecidos, mesmo que produzindo fora do estado. Mas a atenção dada a cada obra, em sua crítica, revela como critério preponderante a manifestação da cor local, planejada ou incidental. Era o universo letrado regionalista olhando para a história da cultura escrita local com as lentes de seu momento, construindo antecedentes, estabelecendo uma tradição que, não por acaso, desembocaria em “novíssimos” autores como Azambuja: “cujos contos regionais se recomendam pela emoção, pelo

<sup>6</sup> Os relatos da época indicam tiragens de cerca de 2000 exemplares por edição.

<sup>7</sup> Em 1929, uma nota na recém-lançada *Revista do Globo* comemoraria a menção honrosa da ABL concedida ao livro *A formação do Rio Grande do Sul* (1928), de Jorge Salis Coulart, edição da casa. Lembraria, ainda, os primeiros prêmios, em seus gêneros, recebidos por Azambuja e João Pinto da Silva, com seu *História literária do Rio Grande do Sul*, e a menção honrosa de Roque Callage, por *Vocabulário gaúcho*. Ver a seção “Vida Literária” (*Revista do Globo*, 1929c).

<sup>8</sup> A geração de poetas autoidentificados com o modernismo no Rio Grande do Sul também se inseria na tradição regionalista local, mesclando temas e motivos locais já conhecidos a novas soluções formais. Para Leite (1978), o projeto modernista não se materializou completamente na literatura gaúcha do período, pois exigia pesquisa, fuga às convenções, valorização e ostentação da matéria artística. Ao contrário, como veremos a seguir, a ênfase das obras se dava nos aspectos ideológicos, como a criação do gaúcho heroico.

<sup>9</sup> Considerando o impacto dos livros na história literária do Rio Grande do Sul, parto do levantamento de publicações de autores gaúchos realizado por Regina Zilberman (1980) para o período.

<sup>10</sup> A terceira edição de *No galpão* e a segunda de *Vocabulário gaúcho*.

<sup>11</sup> O balanço publicado no segundo número da *Revista do Globo*, evidentemente, se somava aos esforços de propaganda da empresa, mas o panorama confirma a tendência de concentração de mercado apontada por estudiosos como Elizabeth Torresini e Sônia Maria de Amorim.

<sup>12</sup> Colaborador da empresa desde 1916, quando iniciou a organizar, junto com Mansueto Bernardi, o *Almanaque da Globo*, primeiro grande empreendimento editorial da Livraria.

estilo e pelos flagrantes psicológicos e de paisagem” (Silva, 1924, p. 247). Nesse sentido, Simões Lopes ganharia espaço e prestígio semelhante àquele até então reservado a Alcides Maya, grande nome do estado no regionalismo brasileiro, mas cuja obra começava a ser questionada por novos críticos, como Moysés Vellinho.<sup>13</sup> A naturalidade da linguagem e do tratamento dado à temática regional (dicção oral do texto e menor peso ao luto da idade de ouro perdida) nos contos de Simões Lopes oferecia um padrão estético e uma perspectiva política mais adequados à produção da segunda metade dos anos 1920,<sup>14</sup> ainda que levasse mais cerca de 20 anos para se tornar a régua de medida do regionalismo literário gaúcho.

Sobre a oferta de títulos à Globo, e seu interesse e capacidade de assimilação das novas obras, é importante dizer que ao longo da década uma rede de intelectuais se formara em torno do responsável pela Seção de Obras, o ítalo-brasileiro Mansueto Bernardi. O próprio espaço físico da Livraria, situado na mais famosa e requintada via comercial da cidade, a Rua da Praia, próximo a cafeterias e outros pontos de encontro público, também congregava o círculo de literatos e políticos da nova geração. Entre os intelectuais da Globo, Bittencourt (1999, p. 37) cita nossos conhecidos Augusto Meyer, Darcy Azambuja, Athos Damasceno, Vargas Neto, Roque Callage, Moysés Vellinho, João Maia e Vieira Pires, além de Theodomiro Tostes, Ernani Fornari, poeta da colônia italiana, do paulista De Souza Junior e de um integrante tardio, Erico Verissimo. A esses contistas, poetas e críticos somavam-se três personagens que teriam ampla atuação na vida política nacional no decênio seguinte, João Neves da Fontoura, Oswaldo Aranha e Getúlio Vargas. Os relatos sobre o período apontam, inclusive, certo empenho de Bernardi para a publicação dos livros de autores desse grupo, apesar da cautela de José Bertaso, sócio majoritário e diretor da Livraria. Para dar viabilidade financeira aos lançamentos, armou-se um esquema de publicação em “coedição”, em que o autor se comprometia a ressarcir o investimento da empresa no caso de prejuízo. Calculava-se o número mínimo de exemplares a vender para pagar os custos de produção e estabeleciam-se prazos-limite para sua comercialização. Findo o período, e não atingida a cota definida, o autor deveria devolver o valor gasto com a edição, sendo

indenizado pelos exemplares vendidos.<sup>15</sup> Mais do que explicar as condições de absorção pela Globo da oferta de obras de escritores locais, o engenhoso acordo indica o empenho de Mansueto Bernardi em trazer a público prosa e poesia, principalmente, atendida ao esforço de reconfiguração da memória pública local, como veremos a seguir.

A sobreposição entre literatura e política é ainda atestada pelas trajetórias não literárias dos autores do grupo. João Pinto da Silva foi secretário da presidência do estado nos governos de Borges de Medeiros e de Getúlio Vargas. Moysés Vellinho foi chefe do gabinete do secretário de Interior Oswaldo Aranha, que também contava com Darcy Azambuja em seus quadros. Por indicação de Aranha, Augusto Meyer se tornou, no mesmo período, diretor da Biblioteca Pública do Rio Grande do Sul. Tomado o poder central e instituído o governo provisório no Rio, Mansueto Bernardi seria nomeado por Vargas para a direção da Casa da Moeda. Alguns anos depois, em 1937, Meyer assumiria a organização do Instituto Nacional do Livro. Tais exemplos indicam que os membros da rede tendiam a concentrar funções políticas, posições burocráticas e oportunidades literárias cobiçadas no estado, prática reproduzida no governo federal nos anos seguintes. De um lado, o ainda incipiente mercado local de livros – apesar de seu crescimento no período, fomentado pelo aumento populacional, pela consolidação da classe média na capital e pela histórica taxa de alfabetização em níveis mais elevados do que em outros estados da federação<sup>16</sup> – fazia do emprego público, como no restante do Brasil, uma fonte financeira atrativa à intelectualidade.<sup>17</sup> De outro, a cooptação de intelectuais pelo Estado se tornava necessária para cimentar programaticamente os interesses das novas elites políticas e suas articulações do momento, consolidando os esforços de propaganda nos setores médios emergentes.

Um balanço da literatura regionalista gaúcha no período, realizado recentemente por Luciana Murari (2010), revelou nessa produção tarefas ideológicas muito semelhantes àquelas desempenhadas paralelamente pela primeira geração de historiadores “oficiais”, membros do recém-fundado Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul (1920), como Othello Rosa e Rubens de Barcellos. É verdade que literatos e historiadores contavam, em Porto Alegre, com os mesmos recursos de

<sup>13</sup> Numa crítica de 1926, Vellinho atacava o saudosismo do velho regionalista, alegando que o espírito gaúcho sobrevivia à modernidade e conclamando a nova geração a prestar atenção às “nossas tradições”: “O autor de ‘Ruínas Vivas’ acreditou que transformar-se era morrer, e não viver, como lá ensina Rodó” (Vellinho, 1979 [1926], p. 111).

<sup>14</sup> Para Gilda Bittencourt, a onda regionalista dos anos 1920 teria como modelos o poemeto satírico Antônio Chimango (1915), de Amaro Juvenal (pseudônimo do político Ramiro Barcellos), e os contos de Simões Lopes (Bittencourt, 1999, p. 29).

<sup>15</sup> Em seu trabalho sobre a edição de literatura traduzida pela Globo, Sônia Maria de Amorim transcreve os termos de um desses acordos, sintetizados acima (Amorim, 1999, p. 11).

<sup>16</sup> O recenseamento de 1920 colocava o Rio Grande do Sul em primeiro lugar entre os estados brasileiros em relação à alfabetização dos seus habitantes. Segundo Torresini, o número de matrículas em instituições de ensino gaúchas subiu de 170.232, em 1920, para 206.879, em 1929. Quanto ao crescimento populacional e a concentração urbana, os dados da capital são reveladores. Em 1923, Porto Alegre registrou 180.750 habitantes, pulando para 280.890, em 1930. Enquanto a população total do estado cresceu, no mesmo período, cerca de 35%, a de Porto Alegre aumentou cerca de 55%. Ver Torresini (1999, p. 40-42).

<sup>17</sup> Exemplo malsucedido dessa propensão da intelectualidade no contexto local é fornecido por depoimento de Erico Verissimo sobre sua fixação na capital, em 1930, quando não consegue obter de Moysés Vellinho uma vaga na Secretaria do Interior (Verissimo, 2011 [1972], p. 26).



formação superior, a Escola de Engenharia, a Faculdade de Medicina, a Faculdade de Direito e alguns institutos menores, necessitando, para sua socialização profissional, de intenso intercâmbio e, frequentemente, do consumo de produção especializada importada.<sup>18</sup> Também é importante lembrar que os mesmos intelectuais assumiam frentes discursivas distintas, como ficção, folclore e escrita da história,<sup>19</sup> o que também explica o emprego de um número reduzido de tópicos nos diferentes gêneros a que se dedicavam. Mas o empenho comum da ficção e da história não pode ser creditado somente ao baixo nível de institucionalização e de especialização das práticas letradas no estado, como vimos. Em termos idênticos aos verificados por Ieda Gutfreind (1992) na historiografia tradicional do período, os literatos passaram insistentemente a construir heróis, inventariar tradições e peculiaridades locais, mas inserindo, com protagonismo político, a região no seio da nação. *Grosso modo*, a memória compartilhada entre historiografia e ficção se debruçava sobre três grandes temas: a gênese da sociedade gaúcha, a natureza das relações sociais no campo e a Revolução Farroupilha (1835-1845). No primeiro, buscava associar o passado fronteiriço à defesa da ocupação lusitana, relativizando a influência platina no Rio Grande e a contribuição indígena em sua formação étnica e cultural. No segundo, construía um mito de democracia social, irmandade patrão-peão, e racial, dado o suposto estatuto de peão concedido ao escravo negro, na idealização do latifúndio pecuarista que ainda dominava a economia estadual. No terceiro, minimizava o separatismo da elite local dissidente, enfatizando o republicanismo *avant-garde* do estado, antecipação do destino nacional. Tudo isso levava à afirmação da brasilidade do gaúcho – dissipando as constantes suspeitas do centro do país<sup>20</sup> – e de sua vocação heroica, articulada contemporaneamente à moralização da República que a FUG propagava.

A adesão da empresa ao projeto político de tomada do poder central pela elite gaúcha é evidente nas edições da *Revista do Globo*, periódico quinzenal de variedades lançado em 1929, sob a direção de Mansueto Bernardi. Já no primeiro número, a ligação com o presidente do estado era explicitada por uma “Nota de homenagem”, que creditava a ideia de criar uma “revista moderna e digna do nosso ambiente cultural” a uma conversa na casa, na qual

Getúlio Vargas e Oswaldo Aranha comentavam o fracasso de empreendimentos desse tipo em Porto Alegre, apesar do “ritmo quase cosmopolita” da cidade (*Revista do Globo*, 1929a, s.p.). O próprio Vargas teria indicado o caminho a José Bertaso: apenas uma empresa forte como a Livraria do Globo poderia empreender capital na iniciativa. Na mesma edição era publicada uma foto, em página inteira, da esposa do presidente, a senhora Darcy Vargas. No terceiro número, aparecia notícia sobre o governo rio-grandense, atestando que “O sr. Getúlio Vargas e os seus auxiliares estão se impondo definitivamente à benemerência pública e à administração do país”. Em sua conclusão, trazia a lembrança do consenso gaúcho da FUG: “O Rio Grande do Sul, unido, prestígio e aplaude o seu primeiro magistrado” (*Revista do Globo*, 1929b, s.p.). À medida que o nome de Vargas ganhava força para encabeçar a chapa de oposição ao governo federal, novos esforços de propaganda eram realizados no periódico, como a publicação de texto de Assis Chateaubriand celebrando a “presidência nacional” realizada em âmbito local, que despertava o interesse do eleitorado brasileiro: “A obra política do sucessor do sr. Borges de Medeiros atravessou, por muitos sentidos, o âmbito das fronteiras gaúchas para se impor à ação como uma das páginas mais nítidas e mais belas que ilustram os anais do regime”. Em termos simbólicos, a personalidade de Vargas era valorizada pela sua comunhão com os valores do Sul, mostrando que o trabalho de construção do gaúcho heroico já rendia efeitos políticos no centro do país: “Ele é o símbolo da própria alma cavalheiresca, sonhadora do homem a quem a vida autônoma do pampa esmaltou das virtudes do soldado e do santo” (Chateaubriand, 1929, s.p.). Às vésperas da Revolução de 1930, o mito da Revolução Farroupilha seria mobilizado para atualizar o discurso de crise característico da barganha entre as elites locais e o poder central, tornando-se mote inspirador e palavra de ordem quando da impossibilidade de acomodação pacífica dos interesses regionais. Em agosto, os versos de Mansueto Bernardi anunciavam: “O mês farrapo ahi vem com todo o seu fermento/ de renascença e arremetida” (Bernardi, 1930, s.p.).<sup>21</sup> A *Revista do Globo* seguiria informando o público local quanto aos movimentos e rumos do governo provisório de Vargas, além das ações do governo estadual do interventor José Antônio Flores da

<sup>18</sup> A afinidade da erudição brasileira com a produção francesa também levava ao amplo consumo de historiografia deste país no Rio Grande do Sul. O historiador da literatura Hippolyte Taine era uma referência constante na crítica local, já que seu determinismo geográfico era apropriado com facilidade por intelectuais que buscavam no pampa gaúcho a matriz da produção cultural.

<sup>19</sup> Othelo Rosa, por exemplo, reconhecido pelos pares como um dos grandes historiadores gaúchos do período, lançou pela Globo, em 1933, romance histórico chamado *Os amores de Canabarro*.

<sup>20</sup> José Veríssimo, por exemplo, condenava a atividade pecuária local como atrasada e utilizava a geografia e a história da ocupação do estado para denominá-lo de “corpo estranho na Federação Brasileira”. Silvio Romero declarava que o Rio Grande tinha o pior governo do Brasil e uma Constituição “castilhistamente positivada”. Enquadrava, ainda, o senador Pinheiro Machado na figura do caudilho latino-americano, para ele produto dum ambiente de nômades “semibárbaros”. Ver Love (1975, p. 111).

<sup>21</sup> Um exemplo de engajamento não discursivo da empresa na Revolução de 1930 é dado por Carlos Reverbel, jornalista gaúcho que trabalharia na Globo a partir do final da década: “Quando o movimento estava prestes a eclodir, e ainda não se tinha certeza de por quanto tempo a revolução se prolongaria, a Livraria fabricou os bônus que os revolucionários usariam como moeda caso fosse necessário. Não foi” (Reverbel e Laitano, 1993, p. 107).

Cunha, pronta a mobilizar o ideário gauchesco em novos momentos de tensão.<sup>22</sup>

A inclinação regionalista do periódico já havia sido indicada pelas discussões em torno do nome que receberia, reveladas por Bernardi em seu primeiro editorial. Foram sondados Coxilha (“mais perfeita representação física do Rio Grande”, nas palavras de Bernardi), Charla (de “conversa” em espanhol, termo comum no linguajar local, atestando a filiação fronteiriça da cultura gaúcha), Querência (local de nascimento ou moradia, também usado para designar o espaço onde se cria o gado), Pampa (nome da região de campo compartilhada entre o sul do estado, Uruguai e o norte da Argentina), Guahyba (em referência ao grande estuário em cujas margens se localiza Porto Alegre, mas também ao nome da cidade em que a Revolução Farroupilha foi iniciada), Sul e Piratiny (primeira capital da República Rio-Grandense, durante o conflito de 1835). O atraso na definição levaria à aceitação da nomeação social do projeto, a “Revista do Globo” citada pelos frequentadores da Livraria (Bernardi, 1929, s.p.).

Desde cedo, o periódico cumpria com funções de publicidade, direta e indireta, dos livros editados pela casa e de outros títulos disponíveis à venda em suas lojas. Logo, suas páginas literárias eram quase que exclusivamente tomadas pelos debates locais e pelos autores regionalistas próximos a Bernardi. Em meio a comentários da vida social, fotos das filhas da elite local tradicional, notícias do centro do país e traduções de reportagens sobre política internacional, havia grande espaço para crítica literária, notas sobre lançamentos, trechos de poesia e contos dos autores da casa. A movimentação da Aliança Liberal e a própria Revolução de 1930, portanto, vendiam livros, lição aprendida pelo jovem Henrique Bertaso, então atendente da Livraria, que lembraria mais tarde de editar obras sobre conflitos e temas políticos polêmicos.<sup>23</sup>

## O gauchismo em descrédito e o triunfo da lógica empresarial na edição de livros

O deslocamento de recursos humanos locais para o governo federal, no entanto, desarticulava, no curto prazo, a rede de intelectuais da Globo, o que parece ter contribuído para a diminuição da oferta de títulos regio-

nalistas à editora. As novas tarefas na burocracia pública federal começavam a apontar, ainda, outras necessidades ideológicas, como a construção da unidade nacional em detrimento dos localismos políticos e culturais, movimento captado pelo novo editor, Henrique, filho de José Bertaso, e seu conselheiro literário, Erico Verissimo. Como efeito direto da saída de Bernardi, em 1931, pouco tempo depois da Seção de Obras ter se tornado Seção Editora da Livraria do Globo, temos o início de novo ciclo editorial, centrado na publicação de traduções de literatura estrangeira de massa,<sup>24</sup> em princípio, e obras selecionadas de alta literatura, à medida que a empresa ganhava dimensões nacionais e atingia o público erudito do centro do país.

Autores gaúchos continuaram, no período, a ser prestigiados pela casa, principalmente aqueles já publicados e/ou intelectuais com substantivo capital simbólico no estado, como o padre jesuíta alemão Carlos Teschauer, membro do IHGRS falecido em 1930. Mas a expansão da Globo se deu em detrimento da vertente regionalista, também em descenso no Rio Grande. Cyro Martins, que publicou seu livro de estreia, a coletânea de contos *Campo fora*, em 1934, pela casa, teria dificuldades para editar seus livros seguintes, hoje celebrados na história literária local por seu conteúdo de crítica social, ao contrapor ao mito do gaúcho heroico a figura do “gaúcho a pé”, peão empobrecido e expulso do campo pelo processo de modernização do latifúndio no estado. Em carta a Augusto Meyer, depositada em seu acervo na Casa de Rui Barbosa, Martins reclamava que a Globo não tinha interesse em seu novo livro, o romance *Sem rumo*, justamente por ser regionalista (Martins, 1936, s.p.).<sup>25</sup>

A busca pelo mercado nacional, então em expansão, teve como estratégia principal a publicação de coleções temáticas, como a Coleção Amarela, de romances policiais, e a Coleção Globo, de títulos variados em edição de bolso. Com elas, era possível baratear os custos de produção de livros e formar público leitor cativo, garantindo o retorno financeiro desejado, “equilibrando autores consagrados com escritores de grande público” (Miceli, 1979, p. 87). Dessa forma, também, a Globo aproveitava o nicho de mercado aberto pela queda das importações de literatura estrangeira, com a crise de 1929, fornecendo, em suas coleções, títulos traduzidos da ficção internacional (Hallewell, 2012, p. 439). Somente nos anos 1950, como veremos abaixo, a já denominada Editora Globo lançaria

<sup>22</sup> Em 1935, quando Flores da Cunha rompeu com Getúlio Vargas, a noção de federalismo, com a indicação de autonomia estadual, seria recuperada através da memória da Revolução Farroupilha, que ganhava novamente espaço nas páginas da revista.

<sup>23</sup> Ao longo da década de 1930, a Globo traduziria muitos livros sobre a URSS, que se esgotavam rapidamente. Com a ascensão de Hitler, o *Mein Kampf* ganharia edição da casa, em paralelo a autores judeus. Quando o Führer invadiu a Rússia, providencialmente saía a tradução de *Guerra e paz*, de Tolstói.

<sup>24</sup> Segundo Elizabeth Torresini, a literatura de massa já configurava um filão crescente nos anos 1920, apesar da linha editorial predominantemente regionalista: “o gênero popular destaca-se e representa, já no final da década de 1920, o principal gênero da editora, sobressaindo-se no total de obras editadas de literatura estrangeira” (Torresini, 1999, p. 66). É possível pensar que o sucesso de vendas dessas obras permitia a Mansueto Bernardi os investimentos incertos em novos autores regionalistas.

<sup>25</sup> *Sem rumo* seria publicado no ano seguinte pela editora Ariel, de Agripino Grieco.

a Coleção Província, de obras de autores locais em perspectiva (neo)regionalista. A segunda fase desse ciclo de edições, marcada pela busca de prestígio com tradução de clássicos da literatura universal e de romancistas modernos reconhecidos internacionalmente,<sup>26</sup> manteria a tendência, em consonância de mercado com o processo de substituição de importações que se intensificava com o advento da II Guerra Mundial. Orientada pelo gosto do então conselheiro editorial Erico Verissimo, além de acuro no processo de tradução, o programa da Globo ganharia em qualidade literária, segundo Hallewell (2012, p. 441). Para Antonio Candido, a grande contribuição da editora gaúcha para o setor livreiro no período seria justamente o estímulo à leitura de autores estrangeiros contemporâneos, no momento em que a elite letrada brasileira vencia sua francofilia histórica e se abria à produção recente em língua inglesa e alemã. Como estratégia para difundir sua produção de literatura traduzida, a empresa distribuiu gratuitamente um folheto periódico chamado *Preto e Branco*, com notícias informativas e críticas sobre autores editados pela casa, desempenhando “uma boa tarefa de popularização cultural pelo país afora” (Candido, 2011, p. 233).

Se a condução de Bernardi levava a Globo ao encontro dos regionalismos político e literário, a chefia de Henrique Bertaso a distanciava desse caminho, em sintonia com o mercado editorial brasileiro em desenvolvimento.<sup>27</sup> Segundo depoimento de Erico Verissimo, Henrique Bertaso seguiu momentaneamente, por recomendação do pai, a linha editorial de Mansueto Bernardi, reeditando seus lançamentos e comprando direitos autorais dos escritores de sucesso na casa. “Achava, porém, que a editora precisava ser reformada, modernizada, dinamizada, livrar-se de seu ranço provinciano. Primeiro, queria provar ao pai e aos outros sócios da firma que era possível uma casa editora existir e prosperar neste extremo do Brasil” (Verissimo, 2011 [1972], p. 30). Para atingir um público leitor mais amplo, não apenas geograficamente, mas em larga escala de interesses, duas frentes de ação foram tomadas: na primeira, investimento pesado em estrutura; na segunda, diversificação dos títulos. Em um projeto ousado de profissionalização da Seção Editora, proveu-se a contratação de quadro técnico especializado para a produção (tradutores, ilustradores, pareceristas, consultores), ampliou-se a rede de distribuição, com escritórios e

armazéns no eixo Rio-São Paulo e acordos com empresas de outras regiões, além da criação de um Departamento de Divulgação Literária (DIL), que abastecia periódicos de todo o país com reportagens e literatura traduzida em troca de espaço para publicidade das edições da Globo. O investimento estrutural para a expansão da empresa exigia, como contrapartida, a ampliação das linhas editoriais, o que também driblava a incômoda imagem de editora gaúcha.<sup>28</sup> Segundo Miceli, a diversificação do programa editorial, com taxas de lucro bastante desiguais, compensava a distância geográfica dos principais centros de produção cultural do país (Miceli, 1979, p. 89). José Otávio Bertaso, filho de Henrique, relata a estratégia: “introduzir autores contemporâneos de língua inglesa e até alemães e italianos – sem abandonar o gosto nacional pela cultura francesa. Para contrabalançar, além de autores regionalistas, dever-se-ia expandir as oportunidades de publicação a autores brasileiros de maneira geral” (Bertaso, 2012, p. 25).

Como na década de 1920, os lucros obtidos com a tradução de literatura de massa permitiriam apostas em alta literatura. A busca de prestígio também implicava a cooptação de autores nacionais já conhecidos. Nos anos 1930 e início dos 1940, a Globo contaria em seu catálogo com obras de Oswald de Andrade (*Os condenados*), Murilo Mendes e Jorge de Lima (*Tempo e eternidade*), Menotti del Picchia (*Kalum, mistério do sertão*), Cecília Meireles (*A festa das letras*), Câmara Cascudo (*Vaqueiros e cantadores*) e Graciliano Ramos (*A terra dos meninos pelados*). Para consolidar a estratégia, Maurício Rosenblatt foi enviado ao Rio de Janeiro, onde chefiou a filial da Globo até 1951. Dentre suas tarefas estava a de travar contato com a intelectualidade do centro do país, buscando atrair novos autores nacionais para edições da casa. Sua amizade com Aurélio Buarque de Holanda, filólogo e professor do Colégio Pedro II, e com Lúcia Miguel Pereira, crítica e historiadora da literatura, renderia dividendos editoriais nos anos seguintes, como veremos a seguir.

Segundo Elizabeth Torresini, de 1931 a 1937, a Globo colocou no mercado brasileiro 840 títulos, entre autores nacionais e traduções, quase a metade do número de novas obras lançadas no mesmo período por todas as editoras de São Paulo juntas.<sup>29</sup> De 1938 a 1943, a editora responderia sozinha por cerca de 6% dos lançamentos no país, conforme dados de Sergio Miceli, tornando-se a

<sup>26</sup> Bertaso e Verissimo lançaram duas coleções nessa linha, a Nobel, que incluía escritores agraciados com o prêmio referido e outros de qualidade reconhecida, e a Biblioteca dos Séculos, com clássicos universais. Entre os autores que a Globo publicou em busca de prestígio, podem ser citados Stendhal, Tchêkov, Allan Poe, Maupassant, Fielding, Nietzsche, Montaigne, Tolstói, Ibsen, Dickens, Balzac, Joyce, Proust, Laclos, Aldous Huxley, Somerset Maugham e Virginia Woolf, além de nova tradução de Platão, diretamente do grego.

<sup>27</sup> Segundo Sergio Miceli, o surto editorial brasileiro dos anos 1930 é acompanhado por “um conjunto significativo de transformações” modernizantes, como: aquisição de rotativas para impressão, diversificação dos programas editoriais, contratação de especialistas para os diferentes encargos de produção e acabamento, inovações mercadológicas nas estratégias de vendas, mudanças nas feições gráficas dos livros e verticalização do processo produtivo (Miceli, 1979, p. 78-79).

<sup>28</sup> Além das dificuldades ocasionadas pela relativa distância do público leitor do eixo Rio-São Paulo, a imagem de editora regional atraiu o projeto de cooptação de autores nacionais, como veremos adiante, já que “a empresa não tinha o mesmo elevado conceito junto à intelligentsia brasileira” (Hallewell, 2012, p. 130).

<sup>29</sup> Em São Paulo, foram editados 1.724 livros. Na capital federal, 782. Outro dado confirma a concentração das edições gaúchas na Globo. Em 1931, São Paulo possuía 31 casas editoras, o Rio de Janeiro, 29, e Porto Alegre, 16. Ver Torresini (1999, p. 76-78).



segunda maior editora independente do período, atrás apenas da Companhia Editora Nacional, de São Paulo.<sup>30</sup> Mas após alguns anos de estabilidade em posição de destaque no cenário editorial do país, uma crise financeira, aliada às transformações nas conjunturas políticas e literárias, iniciaria um novo ciclo editorial. Em 1942, a Reforma Capanema representou um golpe para a editora. Os relatos da época indicam que, com as mudanças curriculares, milhares de volumes de livros didáticos novos ficaram obsoletos do dia para a noite.<sup>31</sup> Além dos prejuízos com as tiragens descartadas, a Globo demorou mais tempo do que suas concorrentes na área para rearticular sua produção, o que também implicou perda de mercado. Nos anos 1950, outro fator contribuía para a decadência comercial da casa: o controle pelo governo de remessa de divisas para o exterior tornou-se mais rigoroso, dificultando o pagamento de direitos autorais das traduções. Houve, então, um “rápido declínio no número de publicações, pela Globo, de literatura traduzida” (Hallewell, 2012, p. 446). A grande oferta de títulos novos também parece ter criado uma espécie de inflação editorial no mercado brasileiro. Em números talvez tendenciosos, José Otávio Bertaso afirma que a demanda na área de literatura não conseguia absorver mais do que 10% da produção. Na Globo, a situação gerava a desvalorização dos títulos; o fim de projetos ousados, como as enciclopédias temáticas em edições volumosas e caras; a busca por sistemas alternativos de distribuição, como a venda de porta em porta; e, em 1947, o fechamento de algumas seções dispendiosas, como “A mulher e o lar”, além de uma onda de demissões.

Esse contexto ajuda a explicar a nova tendência identificada por Torresini e Amorim: reedições dos sucessos de seu catálogo, o que não exigia grandes investimentos; concentração dos esforços de edição em poucos autores, como o já nacionalmente bem-sucedido Érico Verissimo; e diminuição de títulos novos, com parcela significativa de obras técnicas (manuais para público escolar e universitário). Mas a necessidade de conter os gastos e de reduzir os riscos de mercado não implicou o abandono total dos autores regionalistas. Pelo contrário. Com o fim do Estado Novo, as peculiaridades culturais poderiam ser retomadas na produção letrada com mais tranquilidade. Verifica-se, na verdade, uma recuperação das antigas preocupações da intelectualidade litorânea com as realidades rurais no Brasil. De norte a sul, há um incremento de narrativas sobre os “sertões”, difundidas em suportes e linguagens cada vez mais diversificados, como

o cinema, o teatro e o rádio. O final da década de 1940 e os anos 1950 dariam grande espaço para a celebração do popular, nas canções de Luiz Gonzaga e Inezita Barroso, no teatro de Ariano Suassuna, na literatura de Guimarães Rosa, por exemplo. Novas instituições também davam legitimidade a visadas localistas, como a Comissão Nacional de Folclore, fundada em 1947, e seus braços estaduais, criados nos anos subsequentes. No Rio Grande do Sul, seria ainda o primeiro tempo dos Centros de Tradições Gaúchas (CTGs), clubes cívicos que empreendiam um processo sistemático de invenção de tradições, com novos ritos e lógicas de sociabilidade fundamentados em representações da literatura e da historiografia precedente. A nova demanda do mercado local por assuntos do Rio Grande também parecia encorajar a edição de livros. O mesmo Henrique Bertaso que se tornara avesso à linha editorial regionalista, sendo homem de negócios pragmático, acabaria por ver nela uma das soluções para a crise da empresa. Em 1949, seu braço direito Érico Verissimo lançaria um romance histórico ambientado no Rio Grande do Sul, numa verdadeira guinada temática em sua obra: *O continente*, livro inaugural da trilogia *O tempo e o vento*. No mesmo ano, uma cuidadosa edição de *Contos gaúchos e lendas do sul*, de Simões Lopes Neto, inauguraria a Coleção Província, sucesso de vendas em toda a década.

## De volta ao regional: entre a demanda local e a invenção de autores nacionais

A edição crítica de Simões Lopes revela que a antiga rede de intelectuais da Globo podia novamente ser mobilizada, atuando em larga escala geográfica e agregando novos contatos de seus membros originais. A amizade de Rosenblatt com Aurélio Buarque de Holanda, somada ao esforço de divulgação de Simões Lopes empreendido por Augusto Meyer,<sup>32</sup> renderia uma introdução volumosa aos *Contos*, atestando, pela análise formalista minuciosa, a superioridade do regionalismo simoniano para o público erudito brasileiro: “Sua prosa realiza o mais feliz dos compromissos entre o à-vontade da fala do homem do campo e a melhor maneira literária” (Holanda, 1950, p. 31). O lançamento repercutiu imediatamente na historiografia de Lúcia Miguel Pereira, que publicava, em 1950, seu *Prosa de ficção*, décimo segundo volume da *História da literatura brasileira* dirigida por Alvaro Lins. No capítulo dedicado

<sup>30</sup> As duas empresas, mais a Editora José Olympio, do Rio de Janeiro, detinham 25% do mercado de títulos, assim distribuídos: 14% da Companhia Editora Nacional e sua sucursal Civilização Brasileira, do Rio; 6% da Globo; 5% da José Olympio (Miceli, 1979, p. 83).

<sup>31</sup> Hallewell indica que o prejuízo teria levado a editora se concentrar, no ramo de didáticos, no campo mais estável da educação superior. Em 1970, este seria o seu principal segmento (Hallewell, 2012, p. 449).

<sup>32</sup> Durante a década de 1940, Meyer publicava na imprensa local e do centro do país textos críticos a respeito da obra de Simões Lopes, alguns reproduzidos em seus livros de ensaio sobre literatura. Um deles seria também prefácio da obra crítica que a Globo agora editava.

ao regionalismo, a obra de Simões desponta como a “mais sugestiva” do país, apesar de possuir a “linguagem mais dialetal”. Reproduzindo as recentes críticas positivas de Meyer e Holanda, Pereira assegurava que “A arte verbal foi praticada por Simões Lopes Neto com admirável conhecimento – ou intuição – do seu poder” (Pereira, 1950, p. 212).

O segundo livro da Coleção Província comprova a aposta editorial nos novos debates regionalistas sobre folclore e cultura popular: Augusto Meyer publicava seu *Cancioneiro gaúcho*, seleção de poesia oral com prefácio e notas do organizador. O terceiro volume trazia uma nova edição (a sétima) de *No galpão*, de Darcy Azambuja, centro do regionalismo heroico dos anos 1920. O sucesso da obra crítica de Simões Lopes renderia o lançamento póstumo de coletânea com contos que o autor publicara nos jornais pelotenses, como quarto volume da coleção, *Casos do Romualdo*. Os livros de Simões, aliás, se tornariam paradigma editorial para os novos tempos da Globo. Uma carta de Bertaso a Meyer, também disponível na Casa de Rui Barbosa, o incitava à preparação crítica de *Antonio Chimango*, poemeto campestre publicado em 1915 por Ramiro Barcellos como crítica política ao governo autoritário de Borges de Medeiros, “aos moldes da edição de Simões, que V.S. costuma apontar como padrão e como uma das melhores edições críticas já feitas no Brasil” (Bertaso, 1958, s.p.). O projeto se efetivaria no quinto volume da Província. No sexto, mais uma vez Simões Lopes Neto, com nova edição de sua primeira obra publicada em vida, o *Cancioneiro guasca*, coleção de poemas populares, canções, danças antigas, trovas, dizeres e poesias históricas. Os antigos amigos da casa Mansueto Bernardi e Moysés Vellinho foram chamados para organizar o sétimo volume, *Estudos rio-grandenses*, seleção de textos dispersos do historiador e crítico literário Rubens de Barcellos. No oitavo volume, edição dupla dos dois livros de poesia regionalista de Vargas Neto, publicados originalmente pela Globo nos anos 1920, *Tropilha gaúcha* e *Gado xucro*. A partir do nono volume, Bertaso também passa a investir em textos novos, mas de autores conhecidos, com a prudência empresarial de sempre. Darcy Azambuja traz a público, assim, seu segundo e último livro de contos, *Coxilhas*. No décimo volume, temos a *História da literatura do Rio Grande do Sul*, do modernista mineiro radicado no estado Guilhermino Cesar. Athos Damasceno, poeta do antigo grupo da Globo, publicou, no décimo primeiro volume, uma história do teatro local, *Palco, salão e picadeiro em*

*Porto Alegre no século XIX*. Na sequência, *Paz nos campos*, do regionalismo crítico anteriormente renegado de Cyro Martins, e uma reedição de *Farrapo: memória de um cavalo*, que o historiador federalista Félix Contreiras Rodrigues havia publicado em 1935, por ocasião do centenário da Farroupilha. No décimo quarto volume, aparece *Garibaldi e a Guerra dos Farrapos*, de Lindolfo Collor. Em 1958, uma nova promessa do regionalismo: o primeiro livro de ficção do jornalista e fundador do movimento tradicionalista gaúcho Luiz Carlos Barbosa Lessa,<sup>33</sup> *O boi das aspas de ouro*, em identidade temática e formal com Simões Lopes, era publicado no décimo quinto volume da coleção.<sup>34</sup>

O retorno ao regionalismo literário não poderia ter se dado, evidentemente, nos mesmos termos da década de 1920. Se o contexto político e cultural nacional incentivava a produção cultural sobre a temática local, as novas condições institucionais e o crescimento do mercado de livros levava a outra configuração: política partidária e cultura deviam estabelecer fronteiras mais precisas, com autonomia relativa da segunda em relação à primeira. Esse movimento foi captado por Mara Rodrigues, em sua análise da produção crítica e historiográfica de Moysés Vellinho: “Se era de política que ainda se tratava, não era mais apenas de partidos em disputa pela máquina governamental, e sim de uma luta política em torno de uma posição diferenciada para o intelectual na sociedade” (Rodrigues, 2006, p. 71). O ocaso relativo do regionalismo gaúcho na década de 1930, testemunhado pelas edições da Globo, não colocava em xeque, assim, a legitimidade dos assuntos do sul, mas a de sua versão heroica (ideologicamente íntima da luta político-partidária, como vimos), na cultura erudita, conforme mostrado por Odaci Coradini: “[...] mais que ser regionalista, o que está em questão são os critérios de definição desse regionalismo, cujas alterações podem acentuar determinados critérios de diferenciação, mais ‘naturais’, mais literários, ou mais políticos” (Coradini, 2003, p. 134).

A Globo participava desses esforços de redefinição desde, pelo menos, 1945, quando surgiu a ideia de lançar uma revista literária “à altura” do prestígio conquistado pela casa.<sup>35</sup> Erico Verissimo relata que se encontrava nos EUA quando Henrique o interpelou sobre a proposta. Dando seu apoio, que se somava ao de outros intelectuais, teria indicado Moysés Vellinho para dirigir o empreendimento editorial (Verissimo, 2011 [1972], p. 49), significativamente denominado *Província de São Pedro*, em alusão ao nome oficial e à condição política da região durante o

<sup>33</sup> A aposta de Bertaso em Barbosa Lessa, colaborador eventual da *Revista do Globo*, se mostraria acertada. No ano seguinte, o autor receberia o prêmio de melhor romance, concedido pela Academia Brasileira de Letras, pelo seu livro *Os guaxos*, publicado pela Francisco Alves, na Coleção Terra Forte.

<sup>34</sup> A Globo publicaria mais nove títulos na coleção até 1971, com novos trabalhos de Vellinho e Damasceno, além de reedições de alguns clássicos da historiografia tradicional.

<sup>35</sup> Nesse ano também se iniciava a preparação da edição crítica da obra de Simões, o que incluía, como esforço de propaganda, a publicação, por Carlos Reverbel, de uma série de reportagens biográficas sobre o escritor pelotense nos periódicos da casa.

século XIX. O depoimento atesta que a antiga rede continuava articulada em âmbito local, apesar das “perdas” para o governo central, agregando novos membros ao núcleo dos anos 1920. No perfil biográfico de Henrique Bertaso, Verissimo cita entre os “amigos da Editora”, que então se frequentavam socialmente, além dos dois, Vellinho, José Rasgado Filho, Reynaldo Moura, Athos Damasceno, Hamílcar de Garcia, Guilhermino Cesar, Vidal de Oliveira, Dante de Laytano, Alvaro Magalhães, Darcy Azambuja, Maurício Rosenblatt e Mário Quintana. Muitos deles seriam colaboradores assíduos da *Província de São Pedro*. Alguns, como vimos, autores da Coleção *Província*, o que indica que a edição de livros regionalistas pela Globo nos anos 1950 foi desdobramento dos esforços iniciais do grupo para a redefinição do regionalismo literário, materializado no prestigiado periódico.<sup>36</sup>

Por último, é importante apontar a dificuldade de captação de autores nacionais para publicação na casa como fator para a retomada dos escritores gaúchos. Com o fácil acesso daqueles às editoras do centro do país, como a José Olympio e a Francisco Alves, recairia sobre a Globo pouco interesse por parte de nomes consagrados: “Era bastante improvável que os principais autores de literatura do Brasil pudessem ser convencidos a abandonar as editoras da capital política e intelectual do país, particularmente quando uma delas era do calibre da José Olympio” (Hallewell, 2012, p. 453). Salvo poucas exceções, sobraria para a empresa uma espécie de “segunda linha de escritores brasileiros”. Contando com um amplo sistema de distribuição e dado o renovado interesse pela cor local no mundo das letras, cabia, então, à Globo lançar como nacionais os autores da terra.<sup>37</sup> Erico Verissimo oferecia um precedente. Depois do sucesso de *Olhai os lírios do campo* (1938), seus livros antigos e novos ganhavam boa aceitação no mercado nacional, oferecendo-lhe capital simbólico suficiente para se aventurar num romance histórico ambientado no Rio Grande. De outro lado, sem a estrutura regional da Globo e seus investimentos em escala nacional, conforme apontado por Miceli, “é quase certo que Erico não teria tido oportunidade de atualizar sua capacidade produtiva na mesma medida, tornando-se, na hipótese mais otimista, um letrado provinciano” (Miceli, 1979, p. 128). Se o sucesso de vendas de Verissimo não foi repetido por outro gaúcho nas décadas de 1930 e 1940, muitos deles teriam reconhecimento entre a elite literária do centro, segundo enumera o próprio autor: Augusto

Meyer (com *Machado de Assis*, *Giraluz* e *Coração verde*), Moysés Vellinho (com *Letras da Província*); Carlos Dante de Moraes (com *Tristão de Athayde* e *A inquietação e o fim trágico de Antero de Quental*); Mário Quintana (com *Rua dos cataventos*, *Sapato florido*, *Poemas*); e Dyonélio Machado (com *O louco do Cati* e *Os ratos*).<sup>38</sup>

O caso mais bem-sucedido, e mais uma vez paradigmático, de investimento em imagem pública como escritor nacional foi o do velho Simões Lopes Neto, autor de pouca circulação durante sua vida, transformado em exemplo de qualidade literária na prosa regionalista brasileira da Primeira República, a expensas de nomes relevantes como Coelho Neto e o também gaúcho Alcides Maya. Em carta a Augusto Meyer, Moysés Vellinho relatou o sucesso gozado então pelo escritor pelotense, além de seu empenho pessoal para sua divulgação: “Um fato auspicioso: o nosso Simões Lopes Neto vai ser incorporado à Coleção ‘Os nossos clássicos’ que será brevemente lançada pela Agir”. Tristão de Ataíde teria convidado Vellinho para organizar uma antologia do “grande regionalista” para aquela editora. Na verdade, o crítico teria a missão de escolher entre Simões, Alcides Maya ou outro escritor gaúcho de sua preferência. “Sem vacilar”, optava pelo primeiro: “Bem podes imaginar a satisfação com que acatarei o trabalho. Como cresce o Simões Lopes! Sua extraordinária carreira póstuma ainda não parou” (Vellinho, 1956, s.p.). Dez anos antes, Carlos Reverbel, secretário da *Província de São Pedro* e repórter da *Revista do Globo*, pedia colaborações de Meyer para os periódicos da casa e informava o estado da articulação em torno da recuperação de Simões: “O dr. Moysés [Vellinho] e o Carlos Dante de Moraes estão quase entrando para a turma. Serão ótimos ‘simoneanos’. O Athos [Damasceno] é de primeira água. Fez uma bonita transposição poética do ‘Negrinho do Pastoreio’ [para a *Província de São Pedro*]” (Reverbel, 1946, s.p.).

O projeto coletivo de consagração póstuma de Simões Lopes Neto respondia, assim, à redefinição do regionalismo literário, segundo Coradini, em contestação das novas condições centro/periferia, “em oposição ao ‘centralismo’ ou ‘padronização cultural’”, mas também do antigo regionalismo “saudosista”, ou dos “exclusivismos localistas” (Coradini, 2003, p. 136). Esta linha explica a futura seleção de títulos para a Coleção *Província*. O quase esquecido Simões, como vimos, fornecia um modelo de narrativa local menos ufanista/passadista do que aqueles de seus contemporâneos, num trabalho de linguagem que

<sup>36</sup> A *Revista Província de São Pedro* teria 21 números publicados, entre 1945 e 1957, com frequência irregular. Segundo Carlos Reverbel, que foi secretário de Vellinho na edição do periódico, as tiragens dificilmente ultrapassavam 3 mil exemplares, geralmente causando prejuízo financeiro à Globo. O empreendimento, no entanto, se justificava em função dos dividendos simbólicos: “[...] a *Província de São Pedro* tinha prestígio e projeção nacional nos círculos intelectuais” (Reverbel e Laitano, 1993, p. 115).

<sup>37</sup> Tal intenção também estaria presente na criação da *Província de São Pedro*: “O objetivo não declarado da revista era projetar para o país a imagem cultural da editora” (Reverbel e Laitano, 1993, p. 115).

<sup>38</sup> Laurence Hallewell diz que a Globo não possuía, no período, mais do que dois autores nacionais importantes, Erico Verissimo e Viana Moog, esquecido na lista do primeiro (Hallewell, 2012, p. 451).

aproximava representação literária e oralidade popular, o que também convinha ao novo gosto público para a temática regional. Estes aspectos o tornariam um precedente ilustre adequado aos textos da geração modernista que se encontrava agora no topo da elite letrada local. Ligava, ainda, vários momentos da escrita regionalista, estabelecendo uma tradição e legitimando o novo cânone de autores “nacionais” do sul criado pela Globo. De Darcy Azambuja a Barbosa Lessa, haveria na literatura gaúcha um substrato simoniano comum. Note-se que Maya, concorrente natural de Simões, e que tivera circulação e ampla aceitação crítica no centro do país durante a vida, seria completamente excluído da Coleção Província. Em suma, resgatar Lopes Neto era passo essencial para o sucesso do novo projeto regionalista do grupo e da última grande empreitada editorial da Globo.

## Considerações finais

A historiografia literária é unânime em apontar que o regionalismo gaúcho perde sua força na produção cultural a partir dos anos 1960. Novos autores do estado seguiriam sua busca pela aceitação nacional, mas com estratégias distintas, modernizando a linguagem e ampliando temas e motivos, em direção aos problemas da classe média urbana nacional. Enclausurados em instituições tradicionais, como o IHGRS e a Academia Rio-Grandense de Letras (ARL), intelectuais que guiaram a produção local nos anos anteriores, como Moysés Vellinho, perderiam espaço e legitimidade para os professores-pesquisadores universitários, com o desenvolvimento da pós-graduação, a partir da década de 1970. A Globo exacerbava a tendência de concentração de investimento em poucos autores, de retorno considerado garantido, como o consagrado Erico Verissimo, vivendo principalmente do fundo editorial já constituído.<sup>39</sup> Em 1986, a nova geração dos Bertaso venderia a Editora a Roberto Marinho, que há certo tempo pretendia unificar seus empreendimentos sob o nome Globo, levando na transação todo o catálogo de obras traduzidas e de autores brasileiros editados pela casa de Porto Alegre, e transferindo as operações editoriais para o eixo Rio-São Paulo.

Como vimos, a edição de livros regionalistas ocupou parcela significativa da vida da casa editora, oscilando de acordo com o interesse público, a conjuntura política, o desenvolvimento do mercado brasileiro e a relativa autonomização do campo cultural. De um lado, pode-se afirmar que, enquanto movimento literário e, por certo tempo, político, o regionalismo gaúcho dependeu quase

que exclusivamente dos investimentos da Globo em edição, à medida que ela dominava a produção local de livros. De outro, sabemos que em pelo menos dois momentos, segunda metade da década de 1920 e anos 1950, a linha regionalista deu retorno financeiro considerável; primeiro, sustentando, juntamente com a literatura de massa traduzida, a expansão da estrutura editorial da antiga livraria; depois, garantindo numerário seguro em tempos de crise. De certa forma, tal balanço redimensiona o papel do “projeto modernizador” da dupla Bernardi-Verissimo na criação de uma grande editora de ambições nacionais na periferia do país. Sabemos que os editores receberam de Bernardi uma empresa em expansão. Também sabemos que a relação com o regionalismo gaúcho foi aproveitada mesmo na fase de estabilidade da Globo, pós-profissionalização, momento em que ela é lembrada pela historiografia especializada principalmente em função da tradução de literatura estrangeira e de seu prestígio nacional.

Em suas memórias, Carlos Reverbel (Reverbel e Laitano, 1993) divide a história da Globo gaúcha em duas fases: a primeira, regionalista, a segunda, de expansão nacional e excelência em tradução. Ao longo deste artigo, portanto, procurei matizar e complexificar essa imagem ainda corrente, apontando para os diferentes ciclos editoriais por que passou a empresa e introduzindo outros recortes temporais em sua história. A periodização assim construída pressupôs a análise da edição de livros em relação a fenômenos políticos, econômicos e culturais mais amplos. Procurei mostrar, através da história da publicação de autores regionalistas pela Globo, que a intimidade ou o distanciamento entre os domínios da cultura e da política no Rio Grande do Sul atendem a mudanças de condição estrutural. As apostas iniciais dos Bertaso em um ramo difícil como a edição podem ser creditadas aos vínculos estreitos da empresa com a elite política local, interessada em sua propaganda. Já a expansão da editora só foi possível graças ao crescimento do mercado nacional de livros e às estratégias adotadas pela empresa para nele se situar, além da especialização de agentes culturais/autores. Nos dois sentidos, o resultado seria a recuperação seletiva de sua origem regionalista.

## Referências

- AMORIM, S.M. 1999. *Em busca de um tempo perdido: edição de literatura traduzida pela Editora Globo (1930-1950)*. Porto Alegre/São Paulo, Editora da UFRGS/EDUSP, 184 p.
- BERNARDI, M. 1929. Preâmbulo. *Revista do Globo*, Porto Alegre, 5 jan.
- BERNARDI, M. 1930. Primavera Farrapa. *Revista do Globo*. Porto Alegre, 30 ago.

<sup>39</sup> Segundo Hallewell, nos anos 1960 iniciou-se o declínio da editora, com a queda de lançamentos novos de 40 para apenas seis por ano (Hallewell, 2012, p. 453).



- BERTASO, H. 1958. Correspondência, 11 set. Porto Alegre, para A. Meyer. Rio de Janeiro, 2 f.
- BERTASO, J.O. 2012 [1993]. *A Globo da Rua da Praia*. 2ª ed., São Paulo, Globo, 336 p.
- BITTENCOURT, G. 1999. *O conto sul-rio-grandense: tradição e modernidade*. Porto Alegre, Editora da UFRGS, 256 p.
- CANDIDO, A. 2011. A revolução de 1930 e a cultura. In: A. CANDIDO, *A educação pela noite*. 6ª ed., Rio de Janeiro, Ouro sobre Azul, p. 219-240.
- CHATEAUBRIAND, A. 1929. O gaúcho em marcha. *Revista do Globo*, Porto Alegre, 02 mar.
- CORADINI, O.L. 2003. As missões da “cultura” e da “política”: confrontos e reconversões de elites culturais e políticas no Rio Grande do Sul (1920-1960). *Estudos Históricos*, 32:125-144.
- GOMES, C.R.A.S. 2009. *De rio-grandense a gaúcho: o triunfo do avesso: Um processo de representação regional na literatura do século XIX (1847-1877)*. Porto Alegre, Editoras Associadas, 352 p.
- GUTFREIND, I. 1992. *A historiografia rio-grandense*. Porto Alegre, Editora da UFRGS, 164 p.
- HALLEWELL, L. 2012. Bertasso e Verissimo. In: L. HALLEWELL, *O livro no Brasil: sua história*. 3ª ed., São Paulo, Editora da USP, p. 431-455.
- HOLANDA, A.B. 1950. Linguagem e estilo de Simões Lopes Neto. In: J.S. LOPES NETO, *Contos gauchescos e lendas do Sul*. Edição crítica. Porto Alegre, Globo, p. 27-104.
- LEITE, L.C.M. 1978. *Regionalismo e modernismo*. São Paulo, Ática, 295 p.
- LOVE, J. 1975. *O regionalismo gaúcho e as origens da Revolução de 1930*. São Paulo, Perspectiva, 286 p.
- MARTINS, C. 1936. Correspondência, 21 dez. Porto Alegre, para A. Meyer, Rio de Janeiro. 1 fl.
- MICELI, S. 1979. *Intelectuais e classe dirigente no Brasil (1920-1945)*. São Paulo, Difel, 212 p.
- MURARI, L. 2010. A construção da identidade social na literatura regionalista: o caso sul-rio-grandense. *Anos 90*, 17(32):159-183.
- PEREIRA, L.M. 1950. *Prosa de ficção (de 1870 a 1920)*. Rio de Janeiro, José Olympio, 340 p.
- REVERBEL, C. 1946. Correspondência, 15 jan. Porto Alegre, para A. Meyer. Rio de Janeiro.
- REVERBEL, C.; LAITANO, C. 1993. *Arca de Blau: memórias*. Porto Alegre, Artes e Ofícios, 192 p.
- REVISTA DO GLOBO. 1929a. Nota de Homenagem. Porto Alegre, 5 jan., s.p.
- REVISTA DO GLOBO. 1929b. O governo rio-grandense. Porto Alegre, 2 fev., s.p.
- REVISTA DO GLOBO. 1929c. Vida Literária. Porto Alegre, 16 mar., s.p.
- RODRIGUES, M. 2006. *Da crítica à história: Moysés Vellinho e a trama entre a província e a nação*. Porto Alegre, RS. Tese de Doutorado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 243 p.
- SILVA, J.P. 1924. *História literária do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre, Globo, 272 p.
- TORRESINI, E. 1999. *Editora Globo: uma aventura editorial nos anos 30 e 40*. Porto Alegre/São Paulo, Editora da UFRGS/EDUSP, 120 p.
- VERGARA, L. 1929. O ano literário de 1928. *Revista do Globo*, Porto Alegre, 19 jan.
- VELLINHO, M. 1956. Correspondência, 16 mar. Porto Alegre, para A. Meyer. Rio de Janeiro.
- VELLINHO, M. 1979. Pessimismo e realidade. In: F.L. CHAVES (org.), *O ensaio literário no Rio Grande do Sul (1868-1960)*. Rio de Janeiro, Livros Técnicos e Científicos, Brasília, INL, p. 109-114.
- VERISSIMO, E. 2011. *Um certo Henrique Bertaso*. 2ª ed., São Paulo, Companhia das Letras, 104 p.
- ZILBERMAN, R. 1980. *A literatura no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre, Mercado Aberto, 170 p.

## Fontes primárias

Arquivo Histórico Municipal Moysés Vellinho. Porto Alegre, RS.  
 Casa de Rui Barbosa. Acervo Augusto Meyer. Rio de Janeiro, RJ.  
 Museu de Comunicação Social Hipólito José da Costa. Porto Alegre, RS.  
 Biblioteca Central da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, RS.

Submetido: 19/05/2015  
 Aceito: 08/09/2015